

Panorama

Adriana Lampert

adriana.lampert@gmail.com

A celebração dos 120 anos de Mario Quintana vai além de enumerar obras relevantes do poeta que fez de Porto Alegre a sua casa e seu espírito. Dentro das comemorações promovidas pela Casa de Cultura Mario Quintana desde o começo do mês de julho, a memória íntima e o cotidiano do poeta ressurtem através do olhar de duas fotógrafas - Dulce Helfer e Liane Neves - que acompanharam de perto sua trajetória.

No último sábado, Liane conduziu o público por uma caminhada guiada pelo Centro Histórico de Porto Alegre, que percorreu alguns pontos relacionados à rotina do escritor (natural de Alegrete) na Capital. Fotógrafa contratada em 1985 pela empresa Sanrig para registrar o cotidiano de Quintana (por conta de seus 80 anos) ao longo de 12 meses, ela relembra como sua desconfiança inicial em relação ao temperamento reservado do escritor deu lugar a uma "cumplicidade afetiva". "Na época, eu era muito jovem (tinha entre 23 e 24 anos) e fiquei um pouco assustada com a responsabilidade. Então, fui fazendo o trabalho suavemente, sempre fotografando com luz ambiente, de forma discreta. Ele permitiu que eu entrasse no quarto dele, o que me possibilitou fazer fotos dele acordando e dormindo", recorda a jornalista e fotógrafa. "A gente conversava um pouco, mas não tinha papos intelectuais. Lembro que, no terceiro dia, deste meu trabalho ele fez um comentário espirituoso: 'Ó, lá vem a minha sombra luminosa'."

O apelido deu origem ao livro *Minha sombra luminosa: o encontro do poeta Mario Quintana com a fotógrafa Liane Neves* (ed. Reformatório) assinado por Tomás Fleck, que inspira o longa-metragem de ficção *Minha sombra luminosa* dirigido e roteirizado pelo autor da obra e estrelado por Fernando Eiras e Klara Castanho. Liane conta que a convivência com o poeta rendeu registros marcantes, como o dia em que ela levou Quintana de táxi até a Ponte do Guaíba para fotografá-lo. "Ao ver a paisagem, ele confessou que nunca tinha observado Porto Alegre por aquele ângulo", recorda a jornalista.

Ela conta que no dia a dia, o escritor revelava alguns hábitos: gostava de ver as fotos que ela fazia impressas no papel e, ao ir se deitar, costumava dizer que iria "se horizontalizar", em uma típica demonstração de seu humor afia-

GENTE



MARIO QUINTANA PELO OLHAR DE DUAS FOTÓGRAFAS

do e poético. Liane lembra, ainda, que certa vez ele elogiou seu trabalho criando uma expressão própria: "Tuas fotos são rembrandianas" - em referência ao uso de luz e sombra do pintor holandês, Rembrandt van Rijn (1606-1669).

Já a fotógrafa Dulce Helfer, que atuou no jornal Zero Hora por 27 anos e acompanhou Quintana em sua última década de vida (até seu falecimento, em 1994), estabeleceu com ele uma amizade sem filtros após um primeiro ensaio no Hotel Royal, onde ele residiu em 1984, por oito meses. Ela assina a exposição *Quintana, poesia em movimento* (em cartaz até 6 de setembro no 7º andar da Instituição) onde usou inteligência artificial para dar voz e ação a duas

fotos clássicas do escritor junto com o áudio original que ele mesmo gravou em vinil com poemas diferentes. Chamada carinhosamente pelo escritor pelos apelidos de "Dulcinéia" (em referência à personagem do livro Dom Quixote) ou "a loira do plantão" (por conta de seu trabalho noturno no jornal), Dulce assina a documentação visual de 17 livros sobre o autor - como *Encontro marcado com Mario Quintana* (Araken Távora/L&PM) e *O melhor de Mario Quintana* (com textos organizados por Armindo Trevisan e Tabajara Ruas).

Dulce conta que durante 10 anos visitou semanalmente o poeta, durante às tardes, em seu flat no Porto Alegre Residence

(hoje Eko Residence Hotel, localizado na avenida André da Rocha, no Centro Histórico), onde ele residiu até falecer. Nesses encontros, Quintana costumava pedir mousse de chocolate para tomar café preto na companhia da amiga. "Uma de muitas curiosidades que posso citar é que ele falava normalmente quando a gente conversava, mas quando lia os seus poemas, falava com a mão direita sacudindo no ar. Era quase uma dança aquela mão. Ele lia com ênfase, interpretando a própria poesia", revela Dulce. "Os poemas dele não saíam de uma vez; ele pensava muito, às vezes levava dias mudando as palavras até a versão fi-

nal", emenda a amiga do escritor.

Ela também desmistifica lendas urbanas sobre a vida do poeta. Ela e outros amigos próximos reforçam que Quintana jamais foi "jogado na sarjeta" ou expulso do Majestic (história que ganhou muita força em redes sociais por conta de um texto fictício em um blog): na verdade, o prédio foi fechado após uma crise financeira no final dos anos 1970 e, em 1980, foi desapropriado pelo governo do Estado, e o escritor mudou-se para o Hotel Presidente (onde morou até 1984, quando o estabelecimento também fechou as portas), depois para Hotel Royal antes de se estabelecer, em 1984, no flat no Centro Histórico, amparado por amigos, pela sobrinha Elena Quintana e pela cuidadora Sandra Ritzel. O grupo também combate a proliferação de poemas falsos e melosos atribuídos a ele na internet, destacando que seu estilo era sintético, afiado e corrosivo.

Entre as peculiaridades reveladas pelas duas fotógrafas, emergem ainda traços únicos do perfil de Quintana: segundo Liane, em 1985, o poeta frequentava o mesmo barbeiro na rua Andrade Neves há 50 anos, jogava no bicho, amava o à la minuta do Chalé da Praça XV e saboreava os bombons de licor Copenhagen. Já Dulce destaca que ele afirmava que sua grande musa inspiradora e a maior poeta do País era Cecília Meireles - por quem tinha um amor platônico -; lia horóscopo chinês (justificando sua vida solitária por ser do signo Cavalo de Fogo) e mantinha um apego quase místico a amuletos, como um pequeno gnomo da sorte presenteado pela amiga fotógrafa que o acompanhou em suas passagens por hospitais e pelo resto da vida.



Capa do livro com Liane Neves, que inspirou o filme *Minha Sombra Luminosa*

DULCE HELFER/DIVULGAÇÃO/JC

Editor: Igor Natusch
igor@jornaldocomercio.com.br